

URBANOS COM OU SEM CULPA

Renata Romero
UnB

Existem poetas que “cantam” cidades que podem ser inteiramente imaginárias, existem outros, no entanto, que preferem a cidade em que nasceram, viveram ou vivem num misto de sensações que vão da nostalgia ao tédio, da realização ao aprisionamento.

Se cidade é um termo que inevitavelmente se opõe ao termo campo, historicamente a humanidade tem registrado um constante deslocamento de pessoas, de valores e principalmente de força de trabalho que, saindo do ambiente rural, segue em direção aos aglomerados urbanos causando uma inevitável e desenfreada formação de metrópoles, nas quais as relações humanas, antes estreitas, iniciam um processo de alargamento restando às pessoas o sentimento de total estado de solidão em ambientes lotados de impessoalidade e frieza.

Como esperado, as artes, e sobretudo a poesia, não poderiam deixar de acompanhar este deslocamento pois acompanham de perto cada jornada histórica, e, mesmo com tentativas de levar a poesia a uma fuga do processo de urbanização - como o ocorrido, por exemplo, na poesia romântica, na qual muitos autores de origem genuinamente urbana tentavam se afastar dessa atmosfera - a cidade se manteve presente.

Cidade é também um termo genérico que encerra em seu significado, somente no Brasil, desde pequenas aglomerações urbanas do interior até grandes metrópoles e essa diversidade de tipos se estampa nas reações tão diversificadas como as diferentes sensibilidades que tratam desse tema, porque “a cidade é sempre um organismo em mutação, pois, a cada instante, há algo mais

que a vista não alcança, mais do que o ouvido possa perceber, uma composição nova em um cenário novo que espera para ser analisado¹”.

Começaremos nossa viagem pelo interior de Minas onde cidades pequenas, tão iguais, compõem um universo de comunidades onde as regras são ditadas pela tradição e pelo forte apelo religioso de seus habitantes. Oriunda deste ambiente está a poesia de Adélia Prado, onde sua cidade, cenário de sua poética, é parte mais do que importante.

Com um forte apego ao religioso e principalmente ao cotidiano, a autora faz com que ambos se misturem transformando-os em matéria prima, numa comunhão mística com deus, com as palavras e com o cenário. Uma aceitação, ou melhor, um entendimento dos conflitos que envolvem a expressividade da vida diária e feminina onde figuram como valor central os pequenos gestos e as situações particulares.

Comíamos com fome, era 12 de outubro
e a Rádio Aparecida conclamava os fiéis
a louvar a Mãe de Deus, o que eu fazia
na cidade de Perdões, que não era bonita.
(Circulo)²

Adélia aglutina aspectos que compõem o ambiente conservador e tradicional do interior, o qual pretende frear o fluxo do tempo, ignorando as mudanças dos hábitos e costumes que ocorrem do lado de fora numa busca de viver da mesma maneira que viveram as gerações anteriores tentando tornar a comunidade imune às influências externas, um verdadeiro mecanismo de preservação e de proteção para com os seus.

Quis fazer uma saia longa pra ficarem casa,
a menina disse: ‘Ora, isso é pras mulheres de São Paulo’.
Fico entre montanhas,
entre guarda e vã,
entre branco e branco,

¹ LIMA, Rogério. Mapas textuais do imaginário da cidade. In LIMA, Rogério & FERNANDES, Ronaldo Costa (organizadores). *O imaginário da cidade*. Brasília: Ed. UnB, 2000. p. 9.

² PRADO, Adélia. Bagagem. In PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 2001. p.16.

lentes pra proteger de reverberações.
(A invenção de um modo)³

As diferenças entre as pessoas do interior e da capital se acentuam como se a origem de cada um fosse componente essencial, ou justificativa, do estereótipo criado. Assim, quem é da cidade grande e quem é da cidade pequena formam grupos humanos distintos e o que é negado ao provinciano pela força da tradição é concedido ao habitante da metrópole cujos vínculos com ela já foram desatados. Quem vive em comunidade não inventa modos, segue regras pré existentes, não questiona, contribui para que tradições e valores sejam preservados, não se deixa contaminar por costumes que são alheios ao seu meio. É a segurança de estar abrigada entre as montanhas que está em jogo, o medo da perda que pode ser ocasionada pelas influências externas: no interior, mudança é algo que deve ser encarado com a máxima resistência, e diferença pode se tornar sinônimo de anomalia.

A autora resume a uniformidade do ambiente interiorano mineiro, a força das tradições e a ditadura da religiosidade que é imposta de maneira automática, herança inevitável entre gerações seja em Divinópolis, Perdões, Santa Rita do Sapucaí ou nas milhares de pequenas cidades que estão dentro ou fora de Minas Gerais.

A formação espontânea que é vivida pela cidade do interior pode, todavia, ceder espaço, na vida e na poesia, a uma realidade fabricada na prancheta de desenho do arquiteto. Esse que um dia ousou conceber e transformar em concreto armado um projeto de um ideal de urbanização, iniciativa de um mineiro do interior. Em Brasília, encontramos um poeta que, como muitos cidadãos, adotou a nova capital como morada e, como todos os “candangos”, tenta se adaptar, fazer história num lugar concebido artificialmente onde, muitas vezes, impera a sensação

³ PRADO, Adélia. Bagagem. In PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 2001. p. 27.

de que o ser humano é o intruso, a ferrugem que veio para desgastar as perfeitas e frias linhas do design e desmistificar a aura de utopia que envolve sua concepção.

Assim a cidade arrojada, sonho da moderna arquitetura, ganha espaço na poesia de Nicholas Behr que além de apresentar a paisagem urbana peculiar de Brasília, sabe que

“la ciudad no podrá limitarse a las construcciones físicas que conforman su espacio, ni a una sociología convencional de sus poblaciones; habrá necesariamente de disponerse a captar las tramas sensibles que la urden y escanden...”⁴

e tenta, dessa forma, além de mostrar que uma cidade, mesmo se tratando de Brasília, pode ser mais do que as estampas dos cartões postais, e que o que gira em torno da política e do poder, concentrado nas imediações do eixo monumental, a avenida mais larga do mundo, não é empecilho para que se crie uma rotina de cidade que, para surpresa dos que estão de fora, pode se comportar de maneira alheia ao que acontece no Palácio do Planalto ou dentro das conchas do Congresso Nacional.

senhores turistas
eu queria frisar
que nestes blocos
de apartamentos
moram inclusive
pessoas normais
(Assim é Braxília)⁵

Assim, o poeta e morador da capital, assume as tarefas de desmistificação, de mudança de imagem, de mostrar aos olhos de fora que é possível haver vida em Brasília, que a maioria das pessoas não necessariamente tem um vizinho Senador e que quase a totalidade dos cidadãos pode nunca ter visto o Presidente de perto. Que, na verdade, existe cotidiano e bucolismo também em Brasília e que no interior dos prédios tombados moram pessoas que tentam conviver com a

⁴ CANGI, Adrián. En la sombra de la ciudad. In PEDROSA, Célia (org.). *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p.25.

⁵ BEHR, Nicholas. *Eu, Nikolaus Hubertus Josef Maria von Behr*. UnB Revista, Ano II, Número 5, Jan/Fev/Mar 2002. Páginas de 100 a 105.

ruptura de raízes que significa viver em um lugar novo e fazem brotar individualidade naquilo que foi feito para ser padronizado tentando muitas vezes recriar algo que seja parecido com o que foi deixado na cidade natal, do angu ao chimarrão, do ribeirão à praia.

Blocos, eixos,
quadra
senhores, esta cidade
é uma aula de geometria
(Canta a tua quadra)⁶

Portanto, o autor consegue extrair poesia da rotina de Brasília, da realidade quase irônica de sobreviver em uma cidade planejada na qual parecem não ter contado com o fato de que haveriam habitantes. A poesia de Behr mostra que é possível se orientar mesmo não tendo esquinas, onde “dobrar a esquerda” significa “vire a direita e passe por baixo”. Fazer arte em Brasília é se encontrar onde as ruas não têm nome e se permitir brincar com coordenadas cartesianas; é plantar flores, ou espinhos, nas rachaduras do concreto.

SQS415F303
SQN303F415
NQS403F315
QQQ313F405
SSS305F413

Seria isso
um poema sobre
Brasília?
Seria um poema?
Seria Brasília?⁷

A visão que Behr extrai de Brasília não se mostra no ideal utópico de cidade futurista de arquitetura arrojada, patrimônio da humanidade. Brasília se mostra em poesia menos como algo de magnitude e mais “como um museu de grandes novidades”. Este é o enigma de Brasília presente na poesia de Behr: uma cidade de endereços estranhos que, ao contrário das cidades eternamente pequenas de Minas, já foi concebida e nasceu querendo ser grande e que, apesar de

⁶ Idem.

⁷ Idem.

grande, ainda não encontrou sua origem, sua identidade, sua história e o sentido da vida de seus habitantes.

Se as pequenas cidades do interior são para muitos ponto de partida, Brasília pode ser para os mesmo a linha de chegada. No entanto, é uma viagem às avessas, pois é inútil procurar respostas onde ainda estão sendo formuladas perguntas. Para aquele de sai do interior e chega a Brasília, o destino é perder-se num lugar que ainda não se encontrou, transformar em certeza o verso que diz “chegar e partir são só os dois lados da mesma viagem”.